

UMA PERSPECTIVA DA *MARGINALIA* DE FERNANDO PESSOAMaria do Céu ESTIBEIRA¹

Resumo

O fenómeno da *marginalia* pessoana, as formas que assume e a intenção que lhe está inerente é um dos aspectos tratados neste ensaio, que pretende não só dar a conhecer a intensidade emotiva que caracterizou o processo de leitura de uma vasta biblioteca, como mostrar que as anotações de cada livro são um elemento valioso para a construção de uma identidade literária, que tornam possível aceder aos processos mentais de Fernando Pessoa enquanto leitor/anotador e aos momentos de interacção que mantém com os autores de cada obra lida e anotada.

A análise exaustiva da *marginalia* pessoana nos livros da sua biblioteca poderá tornar-se um precioso auxílio para a reconstrução dos percursos de leitura do poeta, já que os pensamentos expressos nos diversos volumes anotados reflectem preocupações estéticas e literárias que o poeta português manifestaria ao longo da vida, com reflexos na sua própria produção textual, e que caracterizam o processo de leitura dinâmica realizado por Pessoa, evidenciando uma densidade emotiva e intertextual que o levaria a construir um percurso de raciocínio e reflexão determinante para a sua progressão como artista e como homem.

Palavras-chave: Fernando Pessoa, biblioteca pessoal, *marginalia*, leitor, anotador.

A PERSPECTIVE OF FERNANDO PESSOA'S MARGINALIA

Abstract

The wonder of Pessoa's *marginalia*, the forms they assumed and the intention behind them is the topic of this essay, which intends not only to present the emotive intensity that characterized the reading process of a vast amount of books, but also shows that each annotation of a book is a valuable element to identify a literary identity, once comments and notes promote the access to mental processes of the reader/annotator that Fernando Pessoa has become and the interactive moments he performed with the authors he read.

¹Maria do Céu Estibeira é Pós-doutoranda da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Cidade: Vila Franca de Xira - Portugal - e-mail: ceuestibeira@gmail.com; ceuestibeira@hotmail.com

The exhaustive analysis of Fernando Pessoa's *marginalia* in the books that belonged to his private library is a very important aid to help rebuilding his reading process as his annotations reflect aesthetic and literary worries that the Portuguese poet would express in his texts all his life and that show the emotive intensity that characterized him as a reader, a thinker and an interlocutor of each book read and annotated.

Key words: Fernando Pessoa, personal library, *marginalia*, reader annotator.

Sublinhar um livro, destacar as suas partes mais importantes, escrever comentários nas margens são, entre outros, alguns dos procedimentos comuns a que um leitor pode recorrer para registar os processos mentais e valorativos do seu acto de leitura. Cada livro e cada texto estimulam, deste modo, uma dupla realidade: a inerente ao processo de leitura e a que dela advém, como estímulo ao processo de escrita acerca de uma escrita primeira.

Sempre que anota um livro, o leitor acaba por revelar algo de si próprio – aquilo em que acredita, aquilo que o distrai ou que o apaixona, aquilo que o perturba ou irrita, ou até aquilo que anteriormente leu – exibindo também pormenores fascinantes relativos à época ou ao contexto em que foram produzidas as anotações e conferindo à leitura uma função interactiva, na medida em que o sentido não é apenas pertença de um texto mas é reproduzido pelo leitor em conjugação com as estruturas verbais do mesmo.

O termo *marginalia*, do adjectivo latino *marginalis*, significando “à margem de”, refere-se, portanto, aos comentários ou às notas escritas nas margens ou noutros espaços em branco junto do texto de uma página impressa, nas folhas em branco ou nas folhas de guarda de um livro e foi importado de Coleridge, o qual veio a revelar-se um mestre exímio desta técnica e a tornar-se numa referência na história da anotação. Para além das tradicionais *marginalia*, devemos considerar ainda de extremo interesse as notas escritas em folhas de papel soltas, em caderninhos de leitura ou ainda em pequenos papéis deixados dentro das folhas dos livros, sendo que as mesmas podem também ser consideradas como uma forma de *marginalia* paralela, desde que se refiram claramente ao texto do livro a que correspondem ou onde foram encontradas¹.

Para além de Coleridge, outros nomes ficaram conhecidos pela importância da sua *marginalia*: Erasmo (que aconselhava a anotação dos livros para tornar a tarefa de

estudar mais facilitada e interessante), Pope (em cuja biblioteca, ainda disponível, podem ser consultadas as suas anotações), Edgar Allan Poe, Keats, Macaulay, Blake, Mark Twain, Melville (cuja *marginalia* se encontra disponível *online*), Darwin, entre muitos mais.

Desde muito cedo, Fernando Pessoa revelou ser um leitor atento que registava opiniões ou impressões de leitura nos seus livros e usava algumas páginas em branco para aí deixar comentários mais extensos e até algumas composições poéticas, das quais destacamos os poemas já incluídos no *Fausto* ou no *Ruba'iyat*, para além do poema de Caeiro, recentemente publicado².

A Biblioteca Pessoal Pessoaana (grande parte da qual pode ser consultada na Casa Fernando Pessoa) é reveladora da atenção e do cuidado que Pessoa dedicou à leitura dos mais variados temas, sendo, certamente, o espelho da sua vida intelectual e uma forma de ligação a um extraordinário processo criativo.

Ainda que a *marginalia* pessoana não tenha recebido a mesma atenção por parte dos investigadores como todos os outros documentos do seu espólio³, a verdade é que esta faceta do poeta português se revela fundamental para percebermos a recepção que terá feito de determinadas obras e o papel que as mesmas desempenharam na construção da sua identidade literária.

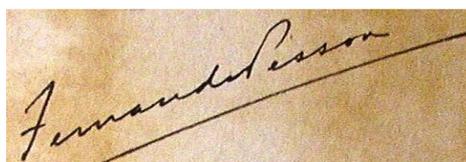
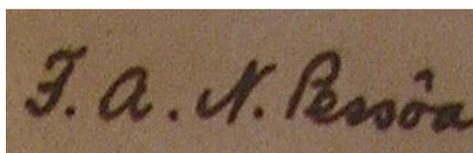
Na realidade, a quantidade e a diversidade de obras que fazem parte da Biblioteca Particular de Fernando Pessoa, na Rua Coelho da Rocha (última morada do poeta), com mais de um milhar de títulos disponíveis, e o considerável número das que contêm alguma forma de anotação demonstram, sem margem para dúvidas, a importância da *marginalia* pessoana para o estudo da sua obra⁴. De facto, do número total de exemplares que compõem esta Biblioteca, mais de sessenta por cento estão anotados ou incluem alguma forma de marcação específica que importa destacar e compreender, sendo que para procedermos ao seu estudo é fundamental, desde logo, identificar algumas particularidades que determinem a sua categorização e interpretação: qual a extensão das notas inseridas num determinado livro; que tipo de anotações ou comentários podemos aí encontrar; qual a sua função e que relevância assumem para o texto em que se inserem. Eis algumas das questões que se levantam e sobre as quais importa reflectir.

Não parece haver grandes dúvidas de que Fernando Pessoa dedicou grande parte do seu tempo à leitura: desde os tempos em que viveu em Durban e até 1935 (ano da sua morte), os livros foram uma presença constante e importante para a construção da sua identidade estético-literária. Tal pode ser observado através da

Biblioteca Pessoal (que contém cerca de 1055 títulos), das várias listas de livros que pretendia adquirir e ler (que encontramos nos diversos cadernos e nas folhas soltas pertencentes ao espólio da Biblioteca Nacional) e dos diversos comentários nos seus diários ou textos reflexivos acerca do papel que a leitura exerceu ao longo da vida.

Da consulta realizada aos livros desta Biblioteca, podemos comprovar a existência de *marginalia* de tipologia diversa: desde as anotações de considerável extensão, que chegam a ocupar uma ou duas páginas (geralmente as páginas de guarda iniciais e/ou finais, ou outras folhas em branco, como, por exemplo, as que se encontram no final de cada capítulo), a par de pequenas notas (constituídas por uma expressão de extensão menor ou apenas por uma ou duas palavras) ou outras marcas que podem aparecer como breves referências de forma abreviada (*N. B.*; *n.*; *Ex.*; *Ok*; *Cf.*) ou até a inclusão de sinais gráficos (? , !, X, ✓ , X). Por outro lado, não devem ser também descurados os sublinhados inseridos no texto, ou outros traços verticais simples e duplos desenhados ao longo das margens e que serviam especialmente para Pessoa destacar informação considerada relevante ou particularmente interessante.

Uma das formas primárias de anotação consiste em deixar no livro a chamada “marca de posse” ou assinatura. Assim, é comum vermos os livros que pertenceram a Pessoa assinados por si ou por algum dos seus heterónimos juvenis. Efectivamente, o número de livros com a inscrição de uma assinatura ascende a três centenas e, em muitos casos, torna-se possível determinar a altura em que, aproximadamente, Pessoa os leu, ainda que a esmagadora maioria não inclua qualquer datação escrita pelo poeta que nos permita determinar o ano exacto da sua leitura. Tal possibilidade deve-se ao facto de podermos classificar as assinaturas encontradas nos livros de Pessoa de acordo com dois períodos distintos, que o próprio poeta descreveria numa carta a Armando Cortes-Rodrigues quando declarou que, a partir de Setembro de 1916, tomaria a decisão de fazer “uma grande alteração” na sua vida: tirar o acento circunflexo do apelido. Assim, **Pessôa** passaria a assinar **Pessoa**:



Desta primeira fase, anterior a Setembro de 1916, ainda o poeta não tinha atingido os trinta anos, encontramos sete formas diversas de assinatura, a saber:

– F. A. N. Pessoa; Fernando Pessoa; F. A. N. P.; F. Pessoa; F. Nogueira Pessoa; Fernando António Nogueira Pessoa e F. P.

Para além destas, podemos ainda observar a existência de uma verdadeiramente curiosa: F. A. L. N. Pessoa⁵, numa provável alusão ao nome do seu irmão, Luís, e que Pessoa terá interiorizado e assumido como parte integrante da sua identificação pessoal.

Da segunda fase (pós 1916), existem pelo menos duas assinaturas diversas:

– Fernando Pessoa e Pessoa.

Para além destas formas de identificação da posse de um livro, encontramos também o recurso a uma espécie de carimbo com as iniciais do nome do poeta, que podemos também associar temporalmente ao período da sua adolescência em Durban, bem como a referência a Charles Robert Anon, em sete livros da Biblioteca (sempre em conjunto com a assinatura do ortónimo, sob a forma de F. A. N. Pessoa) e a Alexander Search, em vinte e um livros (neste caso, autonomamente).

Fernando Pessoa e os percursos da anotação

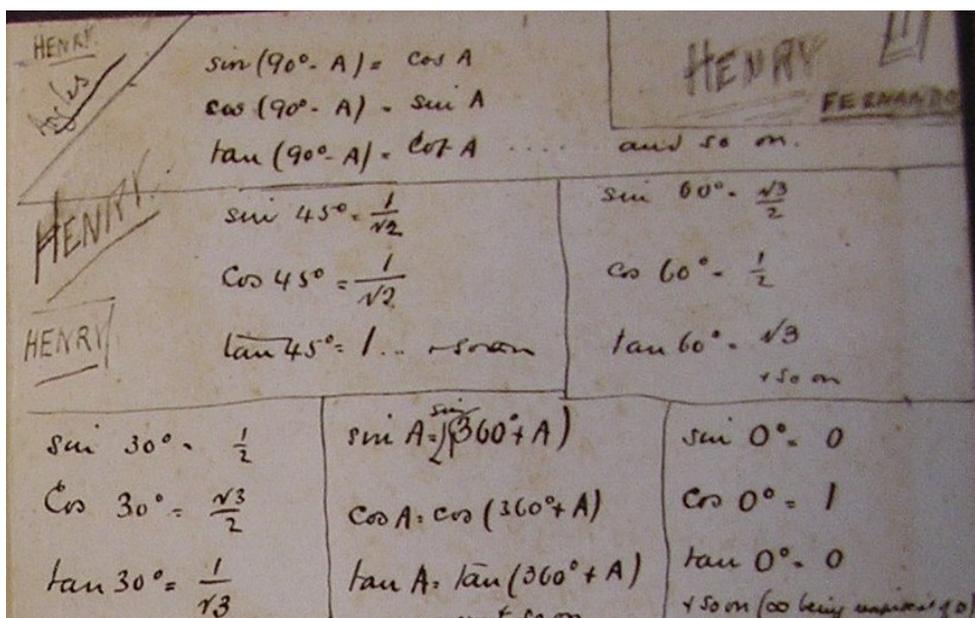
O percurso de Fernando Pessoa como anotador inicia-se logo na infância, durante os seus tempos de escola em Durban. Da Biblioteca do poeta consta um conjunto de obras adquiridas enquanto viveu naquela cidade⁶ que, para além de incluírem os seus compêndios escolares e outros livros de apoio, compreendem também obras que lhe foram oferecidas ou que foram recebidas através da atribuição de prémios escolares e, ainda, de outras referenciadas nos seus “caderninhos de leituras” e diários.

Se centrarmos, em primeiro lugar, a nossa atenção nos livros de escola utilizados pelo poeta, verificamos que estes apresentam uma série de anotações, sublinhados, traços e outras marcas que nos mostram Pessoa, ainda muito jovem, como aluno que, tipicamente, escreve nos seus manuais, resolve exercícios, sublinha e salienta as matérias ou definições de conceitos considerados como mais relevantes,

mas que também usa algumas páginas em branco para fazer rabiscos, desenhos, ou treinar assinaturas suas e de alguns heterônimos em construção.

São cerca de vinte e cinco os compêndios que se encontram disponíveis na Biblioteca pessoal e que respeitam a várias áreas - Matemática, Latim, Inglês, Francês, Grego, História e até Estenografia – sendo que a grande maioria se reporta ao ano de 1904, quando Fernando Pessoa frequentava a “Form VI” da Durban High School, finda a qual realizaria o “Intermediate Examination”, embora também existam exemplares relativos a 1898, 1899 (“Form II-A”) e ao ano em que este frequentou a “Form III”⁷.

No geral, as anotações que aí encontramos permitem-nos observar que se centram, essencialmente, na identificação de partes importantes das matérias, desde capítulos que são destacados e assinalados nos índices, a definições que são sublinhadas e postas em evidência. Para além disso, encontramos ainda algumas marcas que identificam exercícios práticos que deviam ser realizados, bem como a sua resolução no próprio livro. Alguns destes exercícios ainda se revelam bastante actuais, particularmente os relacionados com a área da Matemática, como aquele que encontramos no exemplar *Elementary Trigonometry* de H. S. Hall e S. R. Knight, onde são resolvidos alguns exercícios de álgebra que remetem para o estudo dos senos, cossenos e tangentes e que se revelam extremamente rigorosos, tal como pode ser comprovado através da consulta de uma “Tabela Trigonométrica”:



Pormenor de uma página de *Elementary Trigonometry* de H. S. Hall e S. R. Knight com cálculos realizados por Fernando Pessoa

Estas parecem-nos ser anotações típicas de um aluno que utiliza os manuais escolares como fonte de estudo e de aplicação e utilização nas aulas. Sendo de uso recorrente, muitos destes livros revelam algum desgaste devido ao constante manuseamento e foram anotados a caneta e a lápis (inclusive a lápis de cor), o que aponta para as utilizações continuadas a que estiveram sujeitos.

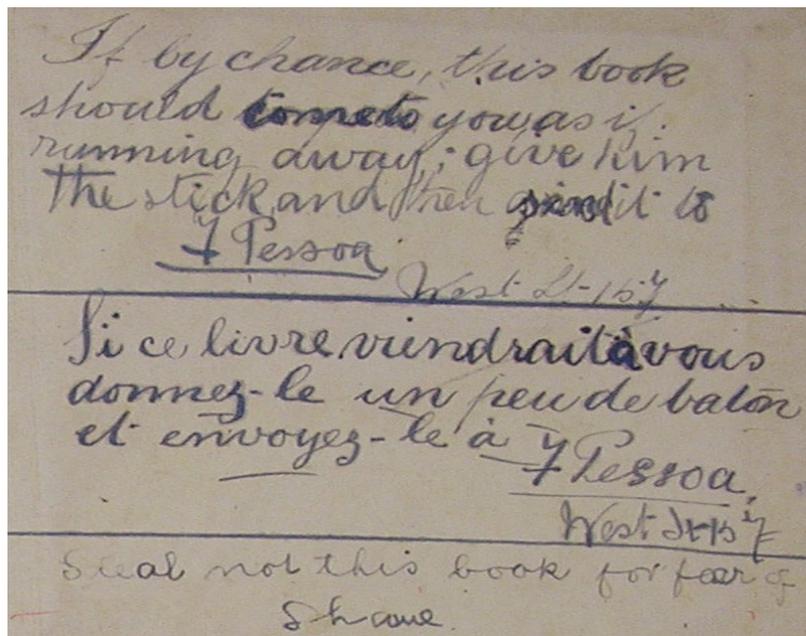
Quase todos estes livros se encontram identificados com a assinatura de Fernando Pessoa, a qual é insistentemente escrita nas páginas iniciais em branco, nas páginas finais, nas páginas centrais e até nas lombadas. Também verificamos que é usual a referência à escola frequentada – Durban High School – à data e ao ano de escolaridade – *Form II-A; Form III; Form VI; Intermediate* –, tornando-se, assim, possível verificar as especificidades da caligrafia do poeta nesta fase da sua vida (relativamente ao tipo de assinatura, ou em termos de escrita de um texto), a qual se foi alterando significativamente ao longo dos anos, mas que, na época, ainda era bastante cuidada e legível.

De entre algumas particularidades curiosas que podemos encontrar nos livros de Pessoa relativos a esta época, destacamos a indicação escrita num compêndio de Latim⁸:

“Don’t steal this book / For fear of shame/ For in it is / The owner’s name. / And if I catch / Him by the tail / He’ll run off / To Durban jail gaol”.

Para além desta observação, encontramos outra semelhante na folha de guarda final do mesmo livro, escrita em Inglês e Francês:

“If by chance, this book should come to you as if running away; give him the stick and then send it to F. Pessoa – West St. 157”; “Si ce livre viendrait à vous donnez-le un peu de baton et envoyez-le à F. Pessoa – West St. 157” e ainda “Steal not this book for fear of shame”⁹.



Para além destes “apelos”, encontramos também uma folhinha de papel manuscrita e colada no início do livro que faz o registo do horário escolar semanal de Fernando Pessoa. Nele, encontramos o currículo escolar a frequentar nesse ano lectivo e que incluía disciplinas como Inglês, Francês, Latim, História, Álgebra, Geometria, Aritmética e Poesia:

Day	9-9-45 ~ 9-45-10-30 ~ 10-30-11-15 ~ 11-15-12	1-2	2-3	3-4
Monday	English, Science, Latin	Arithmetic, Geometry	=	<i>G. W. Saville</i> English French Geo French
Tuesday	Poetry, French, Latin	Algebra, History	=	
Wednesday	English, Science, Latin	Arithmetic, French	=	
Thursday	Poetry, French, Latin	Algebra, Geometry	=	
Friday	English, Science, Latin	Arithmetic, History	=	

Para além das marcações regulares de uso escolar, alguns destes livros contêm também anotações curiosas e de extremo interesse, que revelam a sagacidade e espírito crítico do jovem Fernando Pessoa, bem como a sua grande capacidade de leitura e especial interesse pelos clássicos da literatura em língua inglesa, uma vez que ao longo dos anos em que permaneceu em Durban, Pessoa

contactou com alguns autores que se revelaram determinantes na construção da sua identidade poética. Nomes como Shakespeare, Milton, Keats, Poe, Addison e Steele, Tennyson, Carlyle, Whitman, Shelley e muitos outros fizeram parte das leituras do jovem Pessoa, tendo alguns destes autores integrado os currículos escolares para a prestação de exames, enquanto outros faziam parte do conjunto de livros que recebeu em resultado de alguns prémios ganhos em concursos académicos.

Uma das competições que Fernando Pessoa venceu foi o *Queen Victoria Memorial Prize* em 1903, cujo prémio seria atribuído ao melhor ensaio do *Matriculation Exam*¹⁰. Este ensaio deverá ter seguido os padrões estabelecidos pelos textos de Addison e Steele na sua obra *The Spectator* (que pertence à Biblioteca Particular de Fernando Pessoa), a qual se encontra sublinhada e veio a ser relida por Pessoa anos mais tarde (tal como atesta um dos seus diários), servindo como referência para a leitura de outras obras (onde Pessoa incluiu notas que remetiam para ensaios deste livro) e até para a produção de textos seus, nos quais podemos encontrar reflexos dos conteúdos abordados em *The Spectator*, bem como da sua intenção discursiva.

Quanto aos livros que resultaram da atribuição do *Queen Victoria Memorial Prize* (que se encontram identificados com uma etiqueta colada no próprio livro), temos disponíveis para consulta as obras de Samuel Johnson, Keats, Edgar A. Poe, Alfred Tennyson e de Ben Jonson.

Estes exemplares encontram-se anotados e sublinhados, a maioria a caneta preta e a lápis de carvão, evidenciando assim a atenção especial que Pessoa lhes dedicou e as diversas leituras realizadas em períodos distintos. Alguns destes livros incluem notas que remetem para a leitura de outros autores, como é o caso de *The Poetical Works of John Keats*¹¹, volume em que, para além de apreciações feitas ao lado dos poemas destacados (“good”, “admirable”, “true and painful”) podemos encontrar referências a autores como Gray e Dryden (no poema “Ode to Apollo”, por exemplo).

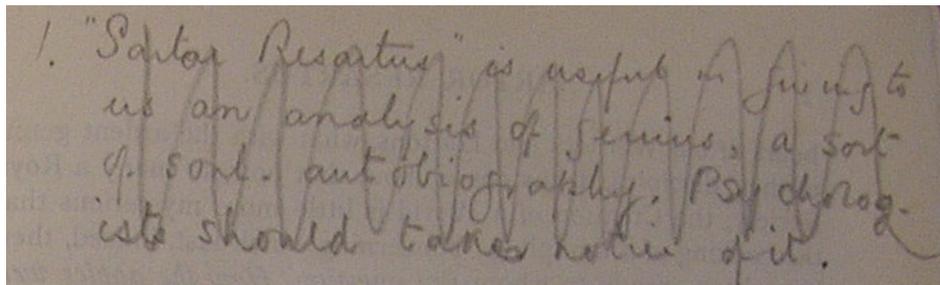
Em função dos diversos instrumentos de escrita utilizados por Pessoa para anotar os seus livros, torna-se possível identificar o número de leituras que o poeta terá realizado de um determinado texto, se levarmos em conta a inclusão, no mesmo livro, de notas a caneta preta, a lápis de carvão, a lápis de cor lilás e até a caneta vermelha. Não raras vezes, chega a ser possível observar numa única obra a realização de duas ou até de três leituras, sendo que o uso de um determinado instrumento de escrita pode ser indicador de uma determinada época. Assim, do estudo até agora realizado, fica claro que sempre que coexistem anotações a caneta

preta e a lápis de carvão, a caneta preta corresponde geralmente a uma leitura anterior, ou primeira leitura, e o lápis de carvão a uma segunda leitura. Esta constatação pode ser também comprovada pela caligrafia usada em cada ocasião: a caneta, uma caligrafia mais cuidada e legível; a lápis, uma caligrafia menos cuidada, mais corrida, mais apressada. Também o uso do lápis lilás parece ter ocorrido numa época anterior, provavelmente, enquanto adolescente ou jovem adulto, já que em livros com data mais tardia, este não é utilizado.

Por outro lado, convém observar que, embora, regra geral, Pessoa anote os seus livros na língua em que estes se encontram, por vezes, alguns podem incluir *marginalia* em duas línguas (geralmente em inglês e em português), podendo associar-se o uso da língua inglesa a uma leitura e anotação prévias e o da língua portuguesa a uma anotação posterior ou mais recente.

Para além dos exemplares referidos como pertencentes ao *Queen Victoria Memorial Prize*, outros títulos fizeram parte das leituras de Fernando Pessoa quando ainda estava em Durban. Destacamos, por exemplo, os casos de Carlyle, Shakespeare e Milton, a par de Shelley, Wordsworth, Swinburne, Browning, Byron e muitos outros.

No caso de Carlyle e da obra *Sartor Resartus, Heroes, Past and Present*, que Pessoa leu entre 1904 e 1907 e serviu como ponto de partida para a redacção de um ensaio sobre Thomas Macaulay, verificamos que, para além das várias anotações e sublinhados que exibem a naturalidade de Pessoa enquanto crítico e comentador do que lia, começam a delinear-se as primeiras reflexões acerca das temáticas do “génio”, do “talento” e da “loucura”, que tanto interesse despertaram no poeta e o ocuparam durante quase toda a vida¹². Tal fica amplamente comprovado pelas diversas leituras que realizou sobre questões de genialidade e de perturbações psicológicas, como a loucura, a degenerescência ou a neurastenia, e pela forma como insistentemente anotou, sublinhou e marcou cada uma dessas obras, geralmente com mais de um instrumento de escrita, o que acentua também o interesse que as mesmas lhe terão suscitado¹³.



Pormenor da primeira página de *Sartor Resartus* de Carlyle, anotada por Pessoa

Salientamos, ainda, durante o período a que Pessoa chamou de “segunda adolescência” (como refere numa carta a José Osório de Oliveira¹⁴), o contacto com a obra de Milton, através da antologia *Palgrave’s Golden Treasury of Songs and Lyrics* de W. Bell (onde se destacam os poemas “Lycidas”, “L’Allegro” e “Il Penseroso”¹⁵), e com a obra de William Shakespeare, fundamentais para a consolidação dos alicerces da obra pessoana.

Se é um facto que a influência de Shakespeare sempre foi explicitamente admitida pelo poeta português, e se é possível perceber alguns ecos da presença do autor inglês na poesia ortónima e heterónima de Pessoa, torna-se também importante examinar a imagem que o poeta português formou a partir da leitura da bibliografia shakespeariana e como esta se terá manifestado na reprodução/assimilação que Pessoa dela realizou nos seus textos.

Na realidade, o número de obras de e sobre Shakespeare é um dos mais elevados na Biblioteca de Pessoa, deixando claro que mais nenhum nome individual mereceu tanta atenção como ele. No total, encontramos mais de duas dezenas de títulos organizados em três grandes grupos: a) o das obras de Shakespeare, propriamente ditas, as quais se encontram particularmente anotadas, quer a caneta, quer a lápis, quer a lápis lilás, o que aponta para as sucessivas leituras a que os textos terão sido submetidos¹⁶; b) o das de bibliografia crítica que apresentam um comentário à vida e obra do referido autor; c) o das que questionam a autoria de Shakespeare, relativamente às peças e sonetos, e sugerem diversas teorias acerca da questão Bacon-Shakespeare.

Ao verificarmos alguns textos que confirmam o interesse que Pessoa votava a Shakespeare, observamos que, por exemplo, o Diário de Leituras de 1906 refere que, entre 17 e 27 de Agosto, Pessoa leu, pelo menos, quatro peças de Shakespeare: *The Tempest* (dia 17), *Comedy of Errors* (dia 18), *Much Ado About Nothing* (dia 19) e

Measure for Measure (dia 23). *The Tempest* parece ter sido uma das peças a que Pessoa atribuiu alguma importância, uma vez que, na sua Biblioteca particular, encontramos dois exemplares distintos desse texto dramático¹⁷, para além da versão incluída na colectânea das *Obras Completas* de Shakespeare.

Mais tarde, por volta de 1913, Pessoa decidiu só voltar a ler textos relativos ao dramaturgo inglês no que se referisse ao “Problema de Shakespeare”¹⁸, na medida em que vários críticos defendiam que Francis Bacon teria escrito uma boa parte das peças atribuídas a Shakespeare. Pessoa interessou-se por esta hipótese e elaborou uma bibliografia com mais de 30 títulos sobre a questão Shakespeare-Bacon (BN, 144D²/16-17), tendo também deixado variados textos para incluir num ensaio sobre a matéria e que, necessariamente, reflectiam as leituras realizadas sobre o tema.

Para além de Shakespeare, Walt Whitman e Oscar Wilde são outros nomes a destacar pela importância que assumiram no universo de leituras pessoano. Estes dois autores estão também representados na Biblioteca de Fernando Pessoa com mais do que um exemplar, e, particularmente, a obra *Leaves of Grass* de Whitman (assinada e datada por Pessoa em 16.05.1916) encontra-se marcada a lápis de carvão e lápis lilás com sublinhados e traços verticais nas margens laterais em mais de 40 poemas.

Para além da atenção particular dada à literatura em língua inglesa, Pessoa dedicou também muito tempo à leitura de títulos relativos aos temas esotéricos e herméticos, com especial destaque para o Ocultismo, a Astrologia, a Maçonaria e o Rosacruzianismo, sendo o interesse por estas questões evidente, já que os livros ligados a estas áreas incluem uma *marginalia* coerente, insistente e reveladora da atenção hermenêutica que o poeta lhes dedicou.

Se o ocultismo e a mediunidade terão, numa primeira fase, cativado a atenção de Pessoa (ainda jovem), pela forma como, em determinada altura, adere à chamada “forma automática de escrita”, muito em voga na segunda metade do século XIX, como meio de comunicar com os espíritos (visto que a leitura de alguns livros sobre esta questão lhe teria sugerido as regras a seguir para concretizar este processo), a partir de determinada altura é a astrologia que absorve o poeta, o que é comprovado não só pelo elevado número de obras sobre o assunto¹⁹, pela atenção com que os mesmos foram lidos e anotados²⁰, como ainda pela importância que os mesmos tiveram na redacção dos textos do próprio Pessoa sobre estas questões ou até no que respeita à concepção dos seus principais heterónimos.

A *marginalia* pessoana estende-se, ainda, a importantes obras de alguns filósofos e pensadores de renome como Kant, Hobbes, Schopenhauer, Hegel, Darwin, Laing, Haeckel, Robertson (para mencionar apenas alguns), bem como às novas concepções ideológicas em curso. Efectivamente, o que viria a constituir o pensamento filosófico autónomo de Fernando Pessoa ter-se-ia iniciado a partir do regresso do poeta a Portugal, em 1905, e consolidar-se-ia durante a sua permanência na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e aquando das visitas quase diárias à Biblioteca Nacional onde contactou com as principais correntes filosóficas de todos os tempos.

Foi, portanto, a partir desta altura que Pessoa produziu uma grande quantidade de textos que nos permitem conhecer alguns dos seus interesses característicos e verificar que leu insistentemente quase toda a espécie de textos filosóficos e esotéricos, muitas vezes de forma pouco ordenada e sem ter em mente uma qualquer forma de orientação específica ou sistemática²¹.

Na realidade, estas leituras não terão sido feitas de uma forma intencionalmente orientada, com o objectivo de entender e estudar o pensamento de um determinado autor ou corrente, mas como ponto de partida para a consequente produção textual. Pessoa interessou-se, especialmente, pelas correntes da ciência e da filosofia de finais do século XIX e começos do século XX porque, de certa forma, precisava delas para se explicar a si mesmo e desenvolver um conjunto particular de ideias sobre a problemática espiritual e estética do homem moderno.

A *marginalia* de Fernando Pessoa mostra-nos, portanto, e no geral, um tipo de leitor que era em simultâneo um pensador e um interlocutor de cada um dos livros que lia e anotava, delineando um percurso de raciocínio e conhecimento a partir das obras que serviam de alimento ao seu espírito. Na realidade, tanto as anotações dos livros como as notas de leitura incluídas em cadernos ou folhas soltas mostram claramente que a leitura era, para Pessoa, uma actividade dinâmica e que, quase tudo o que era lido despertava em si uma energia intensa de reflexão, de partilha com o autor e de auto-conhecimento.

A *marginalia* pessoana fundamenta-se, assim, num “diálogo” entre autores, sendo que, muitas vezes, assistimos a uma oscilação entre a rendição e a resistência, entre a identificação e o afastamento, na medida em que, apesar de o seu sistema de anotação ser invariavelmente simples e regular, os seus comentários podem ser muito estimulantes, pois parecem promover uma espécie de “debate” entre o autor e o seu leitor/anotador. Efectivamente, quer as reacções negativas ou de resistência que

podem levar Pessoa a considerar determinado texto como “*monstruous*” ou “*horrendous*”, quer as elogiosas mostram o seu carácter exacto e rigoroso, embora envolvente e dominador.

Ao folhearmos as páginas que contêm a *marginalia* de Pessoa, observamos que estas são reveladoras de uma nítida excelência artística, não só pela sua inteligibilidade e coerência, como pela sua regularidade, espontaneidade e relevância para a compreensão da obra em que se encontram. Na realidade, a *marginalia* deste autor não se limita a uma marcação monótona, porque a sua originalidade acentua a forma independente e crítica de pensar, testando e reajustando as diversas posições até chegar a uma opinião definitiva.

Pessoa manifesta, ainda, uma combinação muito particular como anotador, já que, para além de demonstrar um relacionamento sério com o texto (objecto de leitura), assume uma expressão clara e utiliza um tom pessoal bastante convincente, associando o seu talento a uma inteligência incisiva e a uma capacidade natural de postura crítica que, quando produzida sob indignação, humor ou ironia, simula magistralmente essa tal forma de diálogo com o autor a quem se dirige, podendo dar origem a comentários inequivocamente admiráveis até em livros absolutamente normais e sem grande excelência.

O facto de Pessoa ter sido um profundo amante da leitura e, desde muito jovem, a ela devotado faz dele um anotador muito especial e muito para além do simples corrector ou comentador. Na verdade, a experiência pessoal e a vastidão de conhecimentos demonstrados pelo poeta português possibilitavam-lhe ter um controlo absoluto sobre os livros anotados, adicionando-lhes muitas vezes informações retiradas de outras fontes e de outros autores e aproveitando-as para apoiar ou questionar a informação do livro que lia.

Embora, em dado período da sua vida, Pessoa tivesse afirmado que, a partir de determinado momento, nada mais iria ler, podemos perceber que a leitura seria sempre um dos seus “vícios”. Daí o acumular de livros em diversas línguas que levariam à constituição de uma biblioteca de modo algum organizada ao acaso. A aquisição dos diversos volumes teria sido efectuada com base num motivo ou intenção, pois o poeta estava a par das edições publicadas (nacionais e estrangeiras), especialmente dos temas que lhe eram mais caros, chegando mesmo a fazer listas dos livros já adquiridos ou a adquirir e mantendo contacto com algumas editoras a quem solicitava o envio de obras específicas.

Certo, ainda assim, é que Fernando Pessoa não teve meios para adquirir todos os livros que ambicionava, daí que muitos deles tenham sido consultados na Biblioteca Nacional, onde passava algum tempo a ler. Contudo, como aparentava ser um leitor sem grandes “pressas” mas de grande insistência, procurava enriquecer a sua biblioteca, a fim de ter os livros sempre à mão e de os anotar e sublinhar quando e como entendesse.

A apresentação e análise da *marginalia* de Fernando Pessoa assume-se, deste modo, como um elemento valioso para a compreensão deste autor, uma vez que permite o acesso à construção do processo mental enquanto leitor/annotador, reflecte a vontade de interacção com o livro objecto da leitura e, implicitamente, com o autor do mesmo, deixando entrever como a recepção de um conjunto de leituras contribuiu para a construção de uma individualidade própria. Deste modo, torna-se determinante salientar a importância da análise destas anotações e marcações, na medida em que muito mais há para explorar e muitos mais livros da Biblioteca pessoana para estudar, mas sempre na certeza de que teremos pela frente um leitor cuja intensidade emotiva faz da *marginalia* por si produzida uma das maiores referências do género na literatura portuguesa.

Recebido em 08/4/2010

Aprovado em 26/4/2010

NOTAS

¹COLERIDGE, Samuel Taylor. *The Collected Works of Samuel Taylor Coleridge – Marginalia I*. ed. George Whalley, London: Routledge & Kegan Paul, 1980.

Na introdução a esta edição, Whalley considera este tipo de notas como “quasi-marginalia”, pois poderiam ter sido directamente incluídas no livro a que se referem, embora tenham sido escritas em cadernos, blocos de notas ou folhas soltas.

² Esta composição poética, atribuível ao heterónimo Alberto Caeiro, encontra-se escrita a lápis na guarda final da obra de John M. Robertson, *Pioneer Humanists*, de 1907, e é encabeçada pelo nome “Caeiro” que não parece apontar para o título do mesmo, mas sim para a sua identificação autoral. O livro que guarda esta composição tem a assinatura de Fernando Pessoa, a qual já não inclui o acento circunflexo no apelido (suprimido a partir de 1916), o que poderá (a par das sucessivas leituras e anotações que Pessoa fazia nos livros que mais o interessavam) de certa forma explicar a razão pela qual, num livro de 1907, encontramos um poema de um heterónimo pessoano que só viria a aparecer em 1914:

Caeiro

Gosto do céu porque não creio que elle seja infinito.
Que pode ter comigo o que não começa nem acaba?
Não creio no infinito, não creio na eternidade.
Creio que o espaço começa aqui e aqui acaba¹
E que longe e atrás d'isso há absolutamente nada.
Creio que o tempo tem um princípio e terá um fim,
E que antes e depois disso não houve tempo.
Porque há de ser isto falso? Falso é falar do infinito
Como se soubéssemos o que só de ver podemos entender.
Não: tudo é uma partida de cousas.
Tudo é definido, tudo é limitado, tudo é cousas.

1 Variante: Creio que o espaço começa por a parte e na parte acaba.

Para além deste poema, encontra-se para publicação um presumível poema inédito em língua inglesa e que poderá ser atribuído a Charles Robert Anon.

³ Só recentemente se iniciaram alguns estudos nesta área, nomeadamente, com a dissertação de Mestrado, *Uma Introdução à Marginalia de Fernando Pessoa*, e, mais recentemente, com a apresentação da dissertação de Doutoramento à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, *A Marginalia de Fernando Pessoa*. (Cf. ESTIBEIRA, 2002; 2008).

⁴ Os livros integrados na biblioteca particular de Fernando Pessoa (na Casa Fernando Pessoa – Rua Coelho da Rocha – Lisboa) encontram-se organizados nas seguintes classes: Classe 0 – Generalidades, Progresso, Obras de Referência, Periódicos, Organizações de Carácter Esotérico e Semi-Secreto; Classe 1 – Filosofia; Classe 2 – Religião, Teologia; Classe 3 – Ciências Sociais; Classe 5 – Matemática, Ciências Naturais; Classe 6 – Ciências Aplicadas, Medicina, Tecnologia; Classe 7 – Arte, Desporto; Classe 8 – Língua, Linguística, Literatura; Classe 9 – Geografia, Biografia, História (Não existem livros Catalogados na Classe 4).

Ainda que, a partir desta catalogação seja relativamente fácil identificar uma obra da biblioteca pessoana, observamos que, por vezes, a categoria em que determinado livro foi catalogado deveria ter sido outra em virtude das temáticas aí desenvolvidas.

⁵ SAND, George. *La Maré au Diable*. Paris : Hachette, 1898.

⁶ Tal é comprovado pela datação aposta em alguns desses livros, bem como a inclusão da sua identificação através da assinatura tipicamente utilizada por si, correspondente a esta fase - F. A. N. Pessoa.

⁷ Fernando Pessoa matriculou-se na Durban High School em 1899 e frequentou a “Form II-B”, na qual se manteve até Junho de 1899, altura em que transitou para a “Form II-A”. Um ano depois, em Junho de 1900, ingressou na “Form III” e seis meses depois, passou para a “Form IV”, onde permaneceu até Junho de 1901, data em que fez o primeiro exame: o *Cape School Higher Examination*.

⁸ SMITH, William. *Principia latina: part I: a first latin course comprehending grammar, delectus, and exercise book with vocabularies: for the use of the lower forms in public and private schools*. London: John Murray, 1892.

⁹ Esta observação não seria de todo original do poeta, já que expressões como esta (com uma nítida intenção de proteger o livro de terceiros) ou semelhantes a ela podem ser encontradas em livros anotados no século XVIII. H. J. Jackson faz referência a este tipo de comentários: “Steal Not This Book For Fear of Shame For Here You See the Oners Name ...” e “Steal not this book for fear of life for the owner has a big jackknife”. In JACKSON, H. J. *Marginalia – Readers Writing in Books*, New Haven: Yale University Press, 2001, pp. 24-25.

¹⁰ Exame de admissão à Universidade do Cabo da Boa Esperança.

¹¹ KEATS, John. *The Poetical Works of John Keats*. London: Frederic Warne and Co., s/d.

¹² Aí encontramos comentários como: “Sartor Resartus is useful in giving to us an analysis of genius, a sort of soul-autobiography. Psychologists should take notice of it”; “Tell me what thou believest and I shall tell thee what thou art.”; “Carlyle repeats this thought several times; a genius always fears to be misunderstood and not be able fully to convey to his auditors the significance of his thoughts, the whole intensity of his feeling”; “Genius is the enthusiasm of sincerity”, “Without sincerity no genius can exist”, “What you see, yet cannot see over, is as good as infinite.(...)”.

¹³ Na Biblioteca pessoal encontramos obras de Nisbet, Nordau e Hirsch, nomes de destaque relativamente às temáticas da degenerescência e da genialidade.

¹⁴ Segundo Pessoa, os livros/autores que o “transmudaram” foram, de acordo com as épocas a que se reportavam, os seguintes: - na infância e na primeira adolescência, *Pickwick Papers*, de Dickens;- na segunda adolescência, Shakespeare, Milton e os poetas românticos ingleses, salientando-se Shelley; - na terceira adolescência, os filósofos gregos e alemães, os decadentes franceses e *Dégénérescence* de Nordau.

¹⁵ Estes poemas incluem extensas marcações a três cores, com remissões a outros autores (Tennyson, Shakespeare e Ben Jonson) e aos ensaios do já referido *The Spectator* : “The melancholy of Milton in “Il Penseroso” is the same as the melancholy of Addison before the tombs in Westminster Abbey(...)”.

¹⁶ Destes, destacamos também os Sonetos que terão sido alvo de uma atenção particular, uma vez que dos 154 aí apresentados, 74 estão anotados a lápis lilás, o que indicia terem sido lidos de uma vez só, ou durante um curto intervalo de tempo ainda na adolescência.

¹⁷ Um desses exemplares encontra-se praticamente todo traduzido a lápis nas entrelinhas.

¹⁸ “I am now in full possession of the fundamental laws of literary art. Shakespeare can no longer teach me to be subtle, nor Milton to be complete. (...) All my books are books of reference. I read Shakespeare only in relation to the “Shakespeare Problem”. The rest I know already.” In PESSOA, Fernando. *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Ed. Richard Zenith, Lisboa: Assírio & Alvim, 2003, pp. 136, 138.

¹⁹ São cerca de 30 os títulos exclusivamente dedicados à Astrologia, quase todos em língua inglesa. De entre este conjunto de livros, são quatro os autores mais representados – H.S. Green, Allan Leo, Sepharial e George Wilde.

²⁰ Este grupo de livros foi particularmente anotado, o que mostra o estudo profundo realizado por Pessoa dos princípios astrológicos, das regras para elaboração e leitura de cartas astrológicas e quanto às especificidades de cada signo e cada planeta, aprendizagens estas que Pessoa poria em prática, por exemplo quando fez uma série de cartas astrológicas da sua vida, dos seus heterónimos, de amigos, de figuras históricas e até de Portugal).

²¹ Isto fica claro num texto seu onde se afirma: “ Thousands of theories, grotesque, extraordinary, profound, on the world, on man, on all problems that pertain to metaphysics have passed through my mind. I have had in me thousands of philosophies not any two of which – as if they were real – agreed. All the ideas I had if written down had been a great heque on posterity; but by the very peculiar character of my mind, no sooner did the theory, the idea struck me that it disappeared, and after I ached to feel that one moment after I remembered nothing – absolutely nothing of what it might have been. Thus memory, as all my other faculties predisposed me to live in a dream.” In LOPES, Teresa Rita. *Pessoa por Conhecer – Textos para um novo mapa II*. Lisboa: Editorial Estampa, 1990, p.248.